

RESENHA GOIS, Chico de. **O lado B dos candidatos.** Chico de Gois, Simone Iglesias. Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

Sandra Barbosa Parzianello - Universidade Federal de Pelotas (UFPel) |

O lado b dos candidatos, dos autores Chico de Gois e Simone Iglesias, é publicado durante a campanha à eleição presidencial de 2014, após a queda da aeronave que vitimou o ex-governador de Pernambuco e candidato Eduardo Campos (PSB) em dia 13 de agosto, quando também morreram outros seis membros da equipe. O livro já estava pronto quando a tragédia ocorreu, uma obra idealizada a partir de um diálogo entre os autores, repórteres de política do Jornal *O Globo* da sucursal de Brasília, e a editora-executiva da editora LeYa, Maria João Costa. A proposta constitui-se de um livro sobre o outro lado dos três principais candidatos à Presidência da República, abordando questões que eles não falariam no horário eleitoral.

Este livro é resultado de pesquisas, entrevistas e conversas realizadas com jornalistas, políticos e assessores que pediram para não serem identificados, entre outros entrevistados como Carlos Araújo, ex-marido da candidata a reeleição Dilma Rousseff (PT). A tragédia alterou os rumos da obra como também o cenário político, a começar por ampliar o capítulo referente a sucessora de Campos, Marina Silva (PSB), até então candidata a vice-presidente pela coligação. Na disputa ao cargo presidencial, completa o quadro dos favoritos, o neto de Tancredo Neves, Senador Aécio Neves (PSDB). *O lado b dos candidatos*, revela a face imatura, humilde e até

desequilibrada dos candidatos, um perfil sem produção visual discursiva e de posicionamentos políticos questionáveis. A obra, organizada em três capítulos pode ser considerada um ponto de referência para o pesquisador preocupado com os processos políticos em meio às experiências democráticas e a construção do político, na ênfase aos temas que relacionam candidatos, eleições, política e governo.

No primeiro capítulo, “O lado B de Dilma”, os autores apresentam a origem política da economista que nunca imaginou chegar à Presidência da República. Trata-se de uma ex-pedetista, que ao longo dos 22 anos de filiação político-partidária exerceu, entre muitos cargos, a função de secretária da fazenda no governado Alceu Collares, no Rio Grande do Sul e coordenou a campanha do próprio marido, Carlos Araújo a prefeito de Porto Alegre, quando fora indiciada pela Polícia Federal por propaganda irregular. Ainda que, sendo contra, Dilma foi cúmplice de uma relação extraconjugal de Collares, que tomou proporções importantes na economia do estado. “O fim do governo Collares marca também o fim da era PDT na administração do Rio Grande do Sul.” (p.24).

No RS, PDT e PT tiveram raro período de convivência pacífica, aproveitado pelo recém-eleito governador

petista Olívio Dutra (1998) que convidou Dilma para a Secretaria de Minas e Energia, período que o estado passou pelo sufoco do racionamento elétrico. “A atuação de Dilma no governo Olívio vinha tranquila, até aproximar-se nova eleição para prefeito de Porto Alegre, em 2000. A paz entre PT e PDT estava com os dias contados. (...) O raciocínio do PT governado por Olívio era o mesmo que, uma década depois, Dilma carregaria para a Presidência da República: os partidos receberam cargos e, portanto, estão contemplados. Não precisam se envolver na elaboração das ações de governo, só executá-las.”(p. 27).

O maior líder do PDT, Leonel Brizola, que vivia uma relação bipolar com o PT, declarou a jornalistas sua indignação ao afirmar que o PT não queria alianças e sim uma adesão de modo egoísta e pretensioso. Em 2000, Collares retorna ao cenário eleitoral e vence o deputado Vieira da Cunha na prévia para a escolha do candidato às eleições municipais pelo PDT. “Vieira era apoiado pelo grupo de Dilma, que integrava o governo Olívio e, até então, passava ao largo das críticas da maioria dos pedetistas ao PT.” (p. 28). Pelo PT, Tarso Genro era candidato. Dilma com outros dois filiados pedetistas, que ocupavam cargos no governo estadual, pediram licença para não participar da campanha. Brizola se irrita e os acusa de traidores. Dilma não ouviu calada e fez declarações aos jornais, deixando o PDT. Tarso ganha as eleições e em 18 de março de 2001, Dilma filia-se ao PT com mais 186 ex-pedetistas e manifesta-se com uma “Carta ao povo gaúcho”.

Durante o governo FHC, na crise nacional do setor elétrico e o apagão, Dilma foi a Brasília algumas vezes afirmar ao ministro Pedro Parente que, o RS tinha energia equivalente e que era um dos estados livres dos cortes. Dilma não só convenceu o ministro, como foi admirada pelo candidato Lula, ao vê-la na televisão. “(...) Lula colocou na cabeça que, se fosse eleito em 2002, Dilma seria sua ministra de Minas e Energia.”(p.37).

Os autores narram e enumeram rompantes sobre a personalidade de Dilma. “São relatos de estagiários, secretários, assessores, seguranças, dirigentes partidários, deputados, senadores e ministros que conviveram com ela em suas três fases na Esplanada: como ministra de Minas e Energia, como ministra da Casa Civil e como presidente.” (p. 39). Reconhecida pelo gênio indomável, temperamento forte e difícil, a “mãe do PAC” e “mulher do Lula” fuma cigarilhas e charutos para acalmar seu pânico de voar nas viagens, porém nunca se deixou abater pelas crises, fossem políticas como dos cartões corporativos ou pessoais marcadas pelo câncer. “Pelos relatos de pessoas próximas, ela nunca foi comunicada formalmente por Lula que era escolhida para sucedê-lo. As coisas foram evoluindo naturalmente.

No segundo capítulo, “O lado B de Aécio Neves”, os autores trazem ao leitor o perfil de “Aecinho”, como é conhecido pelos familiares e políticos mineiros, para além do *playboy* das baladas, reconhecido por frequentar os bares e restaurantes mais famosos da noite carioca. Filho de pais separados, é muito apegado a sua irmã, Andrea, um ano mais velha. Juntos, cuidaram da caçula Ângela, que em 2013 foi vítima de AVC ou isquemia cerebral, conforme a família prefere divulgar. Aécio deixava de cumprir reuniões importantes para ficar com a irmã. O mesmo teria feito em 1999, quando o falecido marido de Andrea, passou por momentos difíceis devido um câncer agressivo, Aécio passava noites no hospital e pela manhã retomava as atividades políticas. Andrea é jornalista, tem a política na veia, mas procura atuar nos bastidores, sempre está por trás de Aécio.

Mesmo sendo filho de político, Aécio parece preferir ligar sua imagem ao avô, Tancredo Neves. Quando Aécio tinha 21 anos, residia com a família no Rio de Janeiro, mas o avô foi buscá-lo, trouxe de volta para Minas Gerais onde fez sua carreira política. Em 1991, se casou e teve uma filha, Gabriela. Após o divórcio,

passou a levar a fama de festeiro, mas personalidades políticas e até celebridades como Luciano Huck garantem que são mitos que se constroem em torno do seu jeito de *bon vivant* e que acabam pegando. “Conhecedor dos boatos que se espalham sobre sua vida pessoal, o senador, já na pré-campanha presidencial, admitiu, por exemplo, que fumou maconha quando tinha 18 anos e que já foi muito baladeiro. (...) Os boatos sobre Aécio são, muitas vezes, apenas isto: boatos, uma vez que a comprovação das acusações é difícil ou impossível por simplesmente não existirem os fatos concretamente.” (p. 111).

Na obra, os autores destacam os voos de carreira do neto de Tancredo. Aécio foi eleito deputado federal (1986) como o mais votado, logo após a morte do avô. Mesmo com o seu nome ou de integrantes da família ligados a escândalos de desvio de recursos públicos e até casos de improbidade administrativa, o jovem político aprendeu como um bom mineiro a focar no que realmente importa. “Aliás, pessoas que convivem com ele dizem que o candidato não se importa com os boatos e insinuações a seu respeito e nunca tentou censurar ou impedir qualquer coisa nesse sentido.” (p. 119). O articulador cinquentão, carrega um currículo de político aglutinador e habilidoso, pois sabe fazer as costuras políticas sem alardes e com objetividade. “(...) Aécio segue fazendo o que aprendeu bem com Tancredo Neves: conversar ao pé do ouvido, atrair para seu rebanho os desgarrados, manter sob sua esfera de influência os velhos aliados, e, aos poucos, se impor.” (p. 123) Desde 1994 sua linha de ascendência revelou um líder obstinado no seu território político-partidário, como nas instituições. Aprendeu aplicar o jeito mineiro de ser na hora certa, sem afobação. Aos 41 anos já percebia a linha sucessória à Presidência da República, mas tratou de acabar com especulações declarando a imprensa: “Se me dessem de graça e avisassem que a posse seria amanhã às 9 h, eu não estaria lá. Tenho senso das coisas, nada do que aconteceu no

último ano me fez tirar um milímetro os pés do chão, e sigo uma lição de família: na política, hoje você está lá em cima, assediado, amanhã sua única companhia pode ser o ostracismo.” (p. 131).

Responsável por criar na Câmara um portal na internet, o Senador proporcionou aos cidadãos acesso a votação dos deputados, quais projetos apresentados por cada um, a responsabilidade das comissões e seus membros, como são usadas as verbas indenizatórias e quem são os funcionários lotados em gabinete. Em transmissões on-line o eleitor pode acompanhar as sessões da instituição. “(...) Aécio, na presidência da Câmara, introduziu uma mudança muito importante: articulou com os líderes partidários o fim da impunidade de que os parlamentares gozavam depois de se eleger.” (p. 129). Idealizador da prática e da adoção do “choque de gestão” que soou como positivo para a administração do governo de Minas Gerais, muitas outras controvérsias são destacadas na obra por Gois e Iglesias que trataram com refinamento as polêmicas de má gestão dos recursos públicos destinados a saúde e educação. Fora isso, a praticidade do político mineiro afagou os mais sisudos companheiros de partido como José Serra e o temperamental Aloysio Nunes, hoje seu companheiro e candidato a vice-presidente. “O candidato à Presidência do PSDB pensou em aumentar sua chance em São Paulo, o maior colégio eleitoral do país, onde não é muito conhecido. E, Aloysio tem história política no Estado, pode se dedicar com afinco a divulgar o nome do cabeça de chapa.” (p. 146). A flexibilização do candidato mineiro parece favorecer a dinâmica da política tucana e tem se mostrado de fundamental importância na condução do processo. Em outubro do ano passado casou com Letícia Weber, em reservada celebração, e, em junho deste ano nasceram os gêmeos prematuros, Bernardo e Júlia.

No terceiro e último capítulo, “O lado b de Marina Silva”, os autores apontam as limitações, a força pessoal

e política da “predestinada” candidata Maria Osmarina Silva de Souza, ou Marina Silva, graças a tia Matilde que não conseguia pronunciar seu nome de batismo. A partir de 2014 a biografia de Marina confunde-se, em parte, com a morte de Eduardo Campos (PSB). Os dois já haviam trabalhado no governo Lula, porém a aproximação só ocorreu em 2014 com a decisão de Marina em filiar-se ao PSB e unir forças contra a polarização PT e PSDB, mas, também por um histórico de rivalidades com a petista Dilma Rousseff, desde que foram ministradas de Lula.

Marina é detentora de um importante capital político, ela foi candidata no ano de 2010 à Presidência da República pelo PV e se tornou um fenômeno eleitoral, com 19,6 milhões de votos. Um dos maiores ressentimentos de Marina, foi deixar o PT, seu partido de origem depois de mais de duas décadas de filiação. Segundo ela, “faltaram condições políticas para avançar no campo da visão estratégica, ou seja, de fazer a questão ambiental alojar-se no coração do governo e do conjunto das políticas públicas (...)”. (p. 187). A Senadora, Marina retomava suas atividades depois de mais de 5 anos de governo enquanto ministra do Meio Ambiente e com o coração apertado.

Sentindo não ser compreendida e obstinada, queria criar o próprio partido. Reuniu os membros partidários tardiamente para a coleta de assinaturas em fevereiro de 2013 e não conseguiu validar as 492 mil assinaturas de eleitores por problemas diversos, faltaram 49.466 e a “Rede Sustentabilidade” não saiu do papel, pior, como resultado criou-se um mal estar entre a candidata e o TSE, conforme a obra relata. Sem um plano B, adiou o sonho de ser presidente. Porém, depois de alguns fatos e desconfortos, convoca seu grupo político e anuncia sua filiação ao PSB, como vice de Eduardo Campos. “(...) seu projeto, a partir daquele instante, era acabar com “a hegemonia” e o “chavismo” do PT no governo.” (p. 158). Eduardo e Marina passaram

a apostar em uma política diferente, ele, acumulando o papel de mediador devido as tensões e resistências criadas por Marina e as ideologias de seu partido. Beto Albuquerque (PSB) assume este papel ao ser escolhido vice de Marina, num processo de sucessão naturalizado popularmente e por influência da família de Eduardo, do que por opção do PSB, em que membros chamavam Marina de “maluca” e hospedeira.

Os autores descrevem Marina como uma figura frágil, de fala mansa e vista pelos congressistas sob uma imagem messiânica. Sobrevivente de uma vida difícil, deixou de lado a formação de freira a fim de constituir família. Por outro lado, não gosta de ser questionada sobre temas que não quer falar e irrita-se com isso, como no caso do aborto e o desenvolvimento da pesquisa com células-tronco. Como Evangélica, Marina não aprova a união de pessoas do mesmo sexo mas, deixa claro: “Isso não pode ser confundido com discriminar essas pessoas do ponto de vista de seus direitos.” (p. 173).

Trata-se, portanto, de uma obra que deve ser lida tanto por eleitores como por pesquisadores, notadamente por aqueles que buscam, dados e as diferentes faces da política. “O lado b dos candidatos”, no campo da política, pode representar a interação leitor, eleitor e candidatos. Os autores garantem em alguma proporção uma aproximação com os presidencialistas pela narração que dão conta do relato de cenas inusitadas e protagonizadas por cada um. Com esta leitura é possível conhecer aqueles que se tornaram de alguma maneira, cada qual a sua proporção, grandes referências como lideranças políticas no Brasil, que amadurece em um lento processo democrático.